Canjerê

Valorização e promoção da cultura africana e afro-brasileira

ano 4 - edição 13 - Dezembro 2019

Casarão das Artes

FAN FAN FAN

FESTIVAL DE ARTE NEGRA FESTIVAL DE ARTE NEGRA FESTIVAL DE ARTE NEGRA

CANJERÊ × CANJERÊ

FAN FAN FAN

FESTIVAL DE ARTE NEGRA FESTIVAL DE ARTE NEGRA FESTIVAL DE ARTE NEGRA

CANJERÊ × CANJERÊ

FAN FAN FAN

FESTIVAL DE ARTE NEGRA FESTIVAL DE ARTE NEGRA FESTIVAL DE ARTE NEGRA

FAN: de patangome na cidade

por Marcos Antonio Cardoso

niari
COSMÉTICOS

Nutrição e Hidratação

Óleo de coco + Óleo de Argan + D-Pantenol

*Livre de parabenos e petrolato

#AfroLivre

www.niaricosmeticos.com.br

Canjerê
Valorização e promoção da cultura africana e afro-brasileira

Editorial

Vencemos mais um ano!
A Revista Canjerê se orgulha de continuar desempenhando o seu papel de dar visibilidade às pessoas negras e seus projetos de combate ao racismo.
E por falar em visibilidade, esse ano houve o Festival de Arte Negra de Belo Horizonte (FAN-BH). Já virou tradição aqui, na redação, todo ano em que acontece o FAN, a capa da edição ser dedicada ao festival, portanto, convidamos um mestre, importante referência do Movimento Negro brasileiro, Marcos Cardoso, para compartilhar seus conhecimentos sobre a história do festival, já que ele participou da concepção da 1ª edição em 1995.
A entrevistada da 13ª edição usa a linguagem poética como forma de expressão. As poesias de Nívea Sabino são obras educativas de enfrentamento ao racismo, à lesbofobia e ao sexismo.
Na seção Negócios, fomos até o Pelourinho, na Bahia, para contar a história da Loja Colaborativa "Negros Solidários", criada pelo Coletivo de Entidades Negras (CEN). O espaço abriga trinta marcas afroempreendedoras.
Esperamos que esta edição chegue até você como um instrumento de inspiração para continuar construindo fortes e saudáveis relações raciais ao seu redor.
2019 chega ao fim e as pessoas que acreditam que é possível viver em um mundo mais igualitário, que militam à frente de causas sociais sabem bem que não foi um ano fácil. É hora de fazer o balanço para, assim, surgirem novas estratégias de sobrevivência do povo preto.
E você, leitor, não se esqueça de exercitar os bons pensamentos porque nós somos o que pensamos. Que você possa continuar se unindo afetivamente com seus pares, cuidando da saúde mental e se fortalecendo em grupo.
Um Natal feliz e um novo ano de força, saúde e muito amor!
Boa leitura!

Sandrinha Flávia
Editora

Canjerê

valorização e promoção da cultura africana e afro-brasileira

SUMÁRIO

p6 Entrevista
À luz, à voz - Nívea Sabino

p18 Matéria de capa
FAN: de patangome na cidade

p24 África
Um relato sobre a África do Sul

p26 Ensaio
... o negro no teatro, o(s) teatro(s) negro(s), hoje!

p10 Comportamento
Saúde, Vulnerabilidades e Necropolítica

p12 Canjerê
Resistência : Moçambique, Quilombo dos Arturos, Samba do Meio-Dia e Fela Kuti

p14 Gente do Canjerê
Naiara Rodrigues: com a palavra, as minas: literatura e feminismo entram na roda

p16 Olhar Social
MundErê – Empoderamento das crianças negras

p22 Negócios
Loja Colaborativa no Pelourinho reúne marcas afroempreendedoras

p29 Cultura - Literatura
Chico Rei - Poesia e ilustração de Marcial Ávila

p30 Cultura - Cinema
Corpos periféricos em protagonismo

p31 Cultura - Música
Elisa de Sena – Cura

p32 Cultura - Artes Visuais
Costura da Memória

p33 Notícias

Agradecemos a todos da equipe Casarão das Artes e aos parceiros do Brasil e do exterior que aceitaram o desafio de construir esta importante fonte de informação e pesquisa.

Imagem da Capa:
Baseada no identidade gráfica do FAN 2019
(designer Matheus Viana - BH)

Colaboraram nesta edição:

Adilson Marcelino, Bruno Figueiredo, Daniel Pacífico, Emilly Padro, Evandro Nunes, Janaína Sousa, Júnia Menezes, Luiz Oliveira, Marcos Antônio Cardoso, Matheus Viana, Paulo Oliveira, Pedro Vilela, Raça Mundi, Thiago Conceição, Tradição Planalto Editora, Warley Barros e Zane Santos

Matéria de Capa

De pantangone na cidade
Marcos Antônio Cardoso

Expediente

INSTITUTO CULTURAL CASARÃO DAS ARTES
Diretora Executiva
Maria Aparecida da Silva Santos

Curadora
Rosália Diogo

EDITORIAL
Diretora de redação
Rosália Diogo

Editora
Sandrinha Flávia

Repórteres
Moisés Mota, Roger Deff e Samira Reis

Editoração
Leonardo Oliveira e Maria Luiza Viana

Ilustração
Leo Ramaldes, Marcial Ávila e Maria Luiza Viana

Fotografla
Sol Brito
Ricardo Laf (Tratamento de imagens)

Colaboração Editorial
Naiara Rodrigues

Revisão
Paulo Roberto Antunes

CONSELHO EDITORIAL
Carlos Serra
Universidade Eduardo Mondlane - Moçambique

Edimilson de Almeida Pereira
Universidade Federal de Juiz de Fora - Brasil

Eduardo de Assis Duarte
Universidade Federal de Minas Gerais - Brasil

Filinto Elísio
Rosa de Porcelana Editora - Cabo Verde

Ibrahima Gaye
Centro Cultural Casa áfrica - Brasil - Senegal

Maria de Mazzarelo Rodrigues
Mazza Edições - Brasil

Marcial Ávila
Instituto Casarão das Artes - Belo Horizonte - Brasil

Maria Nazareth S. Fonseca
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - Brasil

Patricia Gomes (Guiné-Bissau)
Universidade Federal da Bahia - Brasil

Rosália Diogo
Instituto Casarão das Artes - Belo Horizonte - Brasil

Av. Bernardo Monteiro, 414
Bairro Santa Efigênia
30150-280 - Belo Horizonte/MG
Telefone: (31) 3273 0601
artesdocasarao@gmail.com

ENTREVISTA

À Luta, à voz

Naiara Rodrigues
Jornalista e assessora de imprensa

Foto: Ricardo Laf

Nesta edição, a Revista Canjerê traz uma entrevista com Nívea Sabino, poeta, slammer e educadora social que atua na Coordenação Política do Fórum das Juventudes da Grande BH. Nascida em Nova Lima, Nívea é um dos maiores nomes da poesia falada em Minas Gerais e compartilha um pouco de sua trajetória e sua relação com as palavras e a literatura.

Quando a literatura entrou na sua vida? Como foi o seu processo de reconhecer esta linguagem como uma forma sua de expressão?

É o movimento de Saraus de Periferia que desperta o fazer literário e onde eu firmo os meus pés na palavra falada, embora eu já escrevesse bem antes de chegar a um sarau e o universo literário já me rodeava de alguma forma. Eu fui uma criança que frequentou a biblioteca pública próxima a minha casa – para brincar (risos). Em casa, lembro das leituras nos encartes de vinil – a música tem um papel de iniciação com a palavra importantíssimo na minha caminhada. Eu lia encartes de vinil, CDs e revistas em quadrinhos. Já jovem me interessava por textos que partiam de uma realidade que eu pudesse observar: crônicas, contos e biografias... Por volta de 2010, passei a frequentar o Coletivoz, Sarau de Periferia, logo depois o saudoso Sarau Viralatas que foi itinerante no centro de Beagá. Entre 2012 e 2016, fui uma das articuladoras do também saudoso Sarau dos Vagal, em Nova Lima. Nesse período, eu já tinha boa parte dos textos escritos em um blog que alimentava na internet desde 2007 e os saraus

foi um exercício de reconhecer os textos e querer dizer, encarar o público e me despedir da vergonha em dizer poesia. No início, foi um desafio de querer dizer mesmo, muito maior do que o de conceber os textos e/ou de eu crer na potência e qualidade dos meus escritos. A meritocracia é um mito difícil de quebrar e a palavra foi uma grande companheira nesse período de elaboração e entendimento de quem eu sou, do contexto social do qual faço parte e as implicações de tudo isso na minha vida.

Qual a importância dos saraus e slams na sua formação enquanto poeta e leitora?

A palavra falada, a poesia falada é o meu lugar de conforto dentro do fazer literário. Os saraus são uma arena livre da palavra, espaço de encontro, lazer, convivência, acolhida, experimentação e criação... tudo isso é provocativo para um artista e é rico para a escrita. Eu sou cria do Coletivoz, Sarau de Periferia – no Barreiro, que tem como mote a frase "À Luta! À voz!", e existe uma diferença dos saraus na maneira de como o vivenciamos no início da década passada e de como o vivenciamos hoje, com a expansão das comunidades de slam. No início, se lia muito mais poetas quase sempre mortos do que se reconhecia um poeta vivo em cena. A literatura ganha muito, e nós como sociedade brasileira também, quando se cria essa aproximação entre o escritor, sua obra e o leitor através de formatos alternativos, como os espaços de Sarau e Slam. Os slams, diferente um pouco dos saraus, são competições pessoais antes de qualquer outra coisa. É o desafio do poeta com a própria palavra e a sua imagem: o meu corpo diz junto e quais elementos beneficiam (ou não) a relação que se cria para além da obra escrita quando dita. Soma-se a isso o desafio enorme de que quem escreve terá de construir o como entregar a palavra de maneira viva e administrar emocionalmente a coragem do poeta de permitir que, de maneira aleatória e sem critérios, se dê uma nota para o seu texto/performance com base na maneira como você apresenta/diz o seu texto. Essas características, principalmente a de lidar com a palavra viva, influenciam tanto o diálogo quanto as temáticas e intenções que eu estabeleço com as pessoas e necessariamente, também, as leituras que eu opto por fazer.

De que forma a poesia pode ser uma ferramenta para o enfrentamento ao racismo, à lesbofobia, ao sexismo e outras formas de opressão na sua opinião?

Creio no encantamento que há nas nossas subjetividades. As minhas e das pessoas que me acessam, me ouvem ou leem os meus textos. Creio na força do lúdico e de um universo habitável que se construa a partir de nós, nossos sonhos e desejos e que seja este universo algo inventado, diferente do que construímos até aqui. O racismo, a lesbofobia e etc., são construções nossas – construções sociais. A literatura permite reconstruir, recriar e projetar outras paisagens e narrativas que dirão do nosso tempo de viver agora e de projeções futuras. A poesia revela, projeta e tem poder de incidência no imaginário popular. Existem várias frentes de luta e a minha incidência, embora seja política, é também lúdica. Sensibilizar e humanizar olhares nos desarma... nossas humanidades se encontram nas nossas subjetividades, vem daí a força da poesia quando somada às discussões de direitos.

Em 2016 você publicou o seu primeiro livro "Interiorana", que mostra diversas facetas suas enquanto poeta e já está na 2ª edição. Como foi essa experiência?

É incrível não pertencer ao mercado editorial e existir com tanta força como a minha palavra existe. Eu sou resultado do que podemos fazer juntos e, principalmente, em rede. Como diz Conceição Evaristo, graças ao movimento negro e ao movimento social a minha palavra vem alcançando gradativamente as pessoas. Interiorana é um livro de 146 páginas, todo pensado e realizado de maneira independente, desde a sua primeira publicação, em 2016. E trata-se de um livro que eu estou trabalhando na íntegra, quase uma década recitando os mesmos textos, através da palavra falada: seja em oficinas,

saraus, slam's e apresentações musicais. Quando publiquei "Interiorana", eu já existia – a palavra falada antecede a impressão do livro. Através desse trabalho eu saí do meu interior pessoal e geográfico e viajei o Brasil de Norte ao Sul, passando por cidades e olhares com que jamais imaginei me deparar. E eu passo a existir no interior das pessoas que me leem. Interiorana fez dos meus últimos anos os mais incríveis pelos encontros e experiências vividas com a palavra.

Você tem planejado novas publicações?

Eu não faço planos futuros que não seja um: o de melhorar as minhas condições de vida e me manter viva. Eu leio a vida através das palavras e escrevo muito no dia-a-dia, no ônibus principalmente. Se eu me manter viva, naturalmente haverá produção... Procuro me manter em movimento e criando (palavra escrita, cantada, ilustrada...). Quero voltar a pintar, desenhar e resgatar em mim este diálogo (interrompido depois do teste de aptidão no vestibular da Belas Artes/UFMG lá atrás) com a imagem e potencializar em mim a palavra cantada. Interiorana é um livro de poemas que termina com um conto – de brinde, que sinaliza por onde o meu desejo caminha e aponta.

Em 2019, você e a Marilda Castanha estiveram à frente da curadoria do FLI-BH e apresentaram uma programação diversa e que pensava a palavra para além dos livros. Como foi chegar neste recorte e qual o balanço faz do resultado da edição?

O maior desejo meu e da Marilda Castanha à frente da Curadoria do FliBH-2019 foi saudar os povos originários e sair do campo das repetições – as festas literárias e festivais se habituaram ao caráter de venda dos eventos e aos nomes de escritores que corriqueiramente se repetem entre os convidados, como se no Brasil não houvesse uma gama enorme de escritoras e escritores vivos tão bons e qualificados como os que comumente se celebram nas festas e festivais. Quem diz da palavra "para além do livro" é a minha própria trajetória e a de tantos e tantas outras pelo Brasil afora, principalmente os povos originários. A oralidade é onde principia a própria literatura e por onde movimentos literários contemporâneos ganham força e recriam o próprio cenário literário, balançam o mercado editorial ao inventar o seu próprio mercado e nos fazem ampliar o olhar sobre a literatura. Os movimentos literários de palavra falada revelam novos escritores, criam leitores e ressignificam a própria literatura, os espaços públicos e aproximam a literatura da gente, faz parecer "nossa e possível". A oralidade está nas

Foto: Ricardo Laf

Foto: Ricardo Laf

ruas, nas redes, é a linguagem de maior identificação juvenil e possibilita que a literatura seja apresentada com maior interesse e identificação. Um país com o histórico como o nosso – de que pouco se lê – precisa celebrar a adesão em massa de milhares de jovens aos movimentos literários de palavra falada. Eu leio e escrevo muito mais desde que pisei em um sarau na vida e é o que eu percebo ao meu redor nestes movimentos. O Brasil precisa se orgulhar da sua própria história e narrativas, principalmente as vivas. A literatura não pode ser aliada da exclusão, da violência de invisibilizar produções e pessoas e conduzir a construção de um imaginário popular que destoa da nossa realidade de fato. Quem são os escritores e escritoras brasileiras e quais narrativas nos pertencem para além dessa literatura que nos é apresentada pelo mercado editorial e que nós historicamente habituamos a cultuar? Belo Horizonte abre um precedente após essa edição do FliBH-2019 – é possível ampliar, é possível contemplar e não repetir a história. Escritores e escritoras negros, LGBTs, indígenas, mulheres e pessoas pertencentes aos grupos de vulnerabilidade social existem, escrevem e produzem literatura também. É uma violência ignorar essas pessoas e produções e essa edição demonstra que é possível construir de outras maneiras. É um ganho para nós enquanto sociedade.

Você também desenvolve um importante trabalho no Fórum das Juventudes da Grande BH. Neste contexto político em que nos encontramos, como tem sido lutar contra os retrocessos e seguir na luta por novas conquistas para a juventude?

Eu sou ativista na vida e certamente não é uma escolha, é consciência. Da mesma maneira que tenho consciência de que a nossa luta é para além da minha existência. Desejar um mundo mais igualitário é uma projeção de futuro, diz de um sonho, de algo que se deseja alcançar sem perspectiva de que se veja... o Brasil mata as suas possibilidades de futuro toda vez que um jovem negro é assassinado pela mão do Estado. O Brasil nega as suas possibilidades de futuro toda vez que viola os direitos das juventudes. Eu estou de pé, armada pela palavra, reverenciando gerações passadas e representando diariamente milhões de pessoas como eu, silenciadas pela violência do Estado brasileiro. As juventudes movimentam a mudança e essa força é permanente, enquanto houver vida.

Saúde, Vulnerabilidades e Necropolítica

Emilly Prado

Graduanda em Ciências Sociais, Educadora Social, Assessora Parlamentar, Produtora Cultural, Ativista na área do HIV/AIDS, Gordofobia e Movimento Negro

Sempre senti a necessidade de pensar como que as políticas públicas perpassam os nossos corpos, principalmente os corpos negros. É que existe uma confluência de fatores que faz com que as Políticas de Prevenção do HIV/AIDS sejam extremamente necessárias, principalmente para população em situação de rua, grupos LGBTQI +, quilombolas, indígenas e população carcerária. No Brasil, desde o boom da epidemia de HIV/AIDS nas décadas de 80 e 90, houve uma massificação de novas infecções nas camadas mais pobres da sociedade brasileira. Este resultado provocou campanhas incisivas direcionadas à redução do HIV/AIDS e conscientização na utilização de estratégias de prevenção. Tal processo gerou avanços na prevenção e no tratamento das ISTS/AIDS. Infelizmente existe um perfil de quem é passível de morte. É necessário perceber como o desmazelo com que essas políticas públicas de prevenção e tratamento das ISTs/AIDS atinge diretamente determinadas populações; populações estas que se encontram nos diferentes níveis de vulnerabilidade social pela sistemática negação de direitos que sofrem, como historicamente acontece com a população afro-brasileira.

Foto: Ricardo Laf

Se instaura, infelizmente, no país, uma política de morte - a Necropolítica - que promove diariamente a eliminação dos nossos iguais. Hoje em dia, se torna novamente importante disputar a construção do imaginário social brasileiro no processo educacional de cada indivíduo, pois esse processo de discussão da vida é importante para o desenvolvimento e acesso às políticas públicas de saúde para o país.

As mães de santo sempre lutaram pela saúde da população negra e são detentoras de saberes ancestrais para cuidarmos do corpo e da mente.

Foto: Ricardo Laf

Resistência : Moçambique, Quilombo dos Arturos, Samba do Meio-Dia e Fela Kuti

Equipe Casarão das Artes (textos e fotos)

Chegamos ao quarto ano da Revista Canjerê. Seguramente estamos falando de mais um ato de resistência do Instituto Cultural Casarão das Artes.

A 12ª edição foi lançada no Museu das Minas e do Metal e em homenagem ao nosso querido país, Moçambique, que completou 44 anos de regime "pós-colonial" no dia 25 de junho. Com as ilustres presenças do moçambicano Cláudio Manjate, dos músicos Márcio e Sílvio Santos, e dos nossos queridos amigos e seguidores, a noite foi de puro Canjerê. O moçambicano Cláudio João Manjate é educador Social e auxiliar administrativo que mora em Belo Horizonte desde 2018; Márcio Santos é multi-instrumentista autodidata e cantor. Ele se apresenta em bares e festas particulares, cantando e se fazendo acompanhar de violão e teclado e compartilhou a apresentação neste dia com o irmão, Sílvio Santos.

No dia 30 de junho, o Consulado de Moçambique celebrou o Dia de Independência de Moçambique com uma grande festa no Consulado de Moçambique, que fica em Vespasiano. O Casarão das Artes se fez presente. A grande questão que apontamos é: como podemos juntos buscar formas de melhorias econômicas e sociais para aquele país? A questão surge sobretudo a partir da preocupante situação de devastação a que chegou o país que foi abatido por dois ciclones em 2019. O desastre deixou centenas de morte e deixou milhares de pessoas desabrigadas.

Em outubro, três grandes agendas foram realizadas ou acompanhadas pela equipe do Casarão das Artes:
No início do mês, a nossa equipe foi prestigiar a Festa de Nossa Senhora do Rosário, realizada pela comunidade dos Arturos. A Comunidade dos Arturos é composta pelos descendentes de um antigo escravo de nome Artur, vem daí o nome Arturos e preservam sua cultura e religiosidade por meio dos Congados. Está sediada em Contagem, na região metropolitana de Belo Horizonte. É uma das mais antigas comunidades de Minas Gerais, sendo a mais velha com mais de 128 anos. Em sua 6ª geração, a Comunidade dos Arturos é a mais tradicional comunidade quilombola do município.
A programação foi marcada por cortejos, atividades congadeiras, desfile de guardas de congo, além da tradicional Missa Conga, entre outras celebrações culturais e religiosas que fazem parte da rica história da Comunidade.

No dia 17, no Museu das Minas e do Metal, foi a vez de o Casarão das Artes realizar mais um tributo à Fela Kuti por meio de uma Roda de Conversa sobre a pessoa e a música desse ativista político e músico, com ênfase no seu perfil de multi-instrumentista e ativista político devido aos seus ideais pan-africanistas, no seu relevante e utópico papel na música negra, em todos esses processos.

Na ocasião, contamos com depoimentos do nigeriano Olugbenga Olusola Fayenuow e interpretações de canções em Yorubá com a cantora Eda Costa. Assim, essa foi a nossa forma de homenagear um dos mais instigantes e carismáticos personagens do Continente Africano.

Dia 27, no Centro de Referência da Cultura Popular e Tradicional Lagoa do Nado, prestigiamos a apresentação do Samba do Meio-Dia, um projeto que surgiu por meio da vivência e da necessidade das sambadeiras e sambadores do Samba da Meia-Noite. Com a presença das crianças (filhos e filhas das sambadeiras e sambadores), era necessário criar um espaço para que elas se expressassem pois era possível perceber o quanto a música, a dança, o ritmo, ou seja, a arte se faziam presentes em suas vidas por conviverem com a grande família de samba de roda.

A apresentação encheu os olhos do público, pois a maioria não havia tido a oportunidade de assistir à apresentação de crianças e jovens tão engajados em preservar a tradição, a alegria e a arte dos seus ancestrais.

Um salve à resistência cultural do povo negro, na África e na diáspora!

Daremos notícias de tudo isso pelas nossas fanpages:
https://www.facebook.com/Casaraodasartesbh/ e
https://www.facebook.com/revistacanjere/
www.revistacanjere.com.br

Com a palavra, as minas: literatura e feminismo entram na roda

Samira Reis
Jornalista e modelo

Naira Rodrigues é uma das criadoras da roda Palavra de Mulher

Todo mês, lá estão elas reunidas para falar de autoras como Conceição Evaristo, Margaret Atwood, Angélica Freitas e tantas outras. A conversa acontece na roda Palavra de Mulher – Clube de leitura das Minas, que tem como uma das fundadoras a jornalista Naiara Rodrigues. “A gente criou inicialmente a partir de um grupo de mulheres que se formaram em Comunicação Social com a proposta de aumentar nosso hábito de leitura, e principalmente ler mais escritoras mulheres”, explica.

Fundado em meados de 2016, o clube iniciou-se em grande estilo com o livro “Quarto de Despejo - Diário de uma favelada”, de Carolina Maria de Jesus. Além de discussões referentes à obra; o grupo também reflete sobre a mulher na contemporaneidade e os desafios em meio ao machismo ainda presente. “É muito bom porque percebemos muitas situações em que, às vezes, achamos que só acontece com a gente, mas que, quando conversamos entre nós, percebemos que é comum a outras mulheres, e estão ligadas diretamente a questões de gênero”, diz.

Entre um encontro e outro, Naiara atua como assessora de imprensa de projetos culturais. E foi nessas andanças de comunicadora que ela conheceu Rosália Diogo, mentora da Revista Canjerê e aceitou se juntar a esse time.

A cultura fala alto na vida da mineira. Na faculdade, o trabalho de conclusão de curso foi sobre o carnaval de rua de BH. “Eu escrevi um livro reportagem, um desejo que ainda tenho é de publicá-lo. O livro traz entrevistas com fundadores de alguns dos primeiros bloquinhos desta nova era do renascimento do carnaval na cidade”. Que as editoras de bom coração possam nos ler e digam amém!

Foto: Ricardo Laf

MundErê – Empoderamento das crianças negras

Zane Santos

Pedagoga, Arte Educadora, professora, diretora do projeto H2OR-Hip Hop Oficina de Rua, Pedagogiando com o Hip Hop

Desenvolver um trabalho cultural, pedagógico, social e de empoderamento é tarefa difícil de ser enfrentada, principalmente no âmbito escolar. Percebendo essas dificuldades na educação formal e informal que nasceu o Projeto MundErê, idealizado pela Hair Stylist Grazi Rufo e executado em parceria com Movimento Unificado Negro de Divinópolis/MG. O Projeto nasceu de uma demanda observada por Grazi e membros do Mundi que observaram que ainda há, em pleno século 21, crianças sofrendo com questões raciais em diversos espaços de convívio social em Divinópolis. Então, o MundErê vem com forte proposta de trabalhar o empoderamento das crianças negras.

Todos(as) envolvidos(as) nesse projeto estão atentos(as) para um trabalho de desconstruir estereótipos de raça/cor a fim de desmistificar os mitos sociais existentes em nossa cidade e fortalecer nossas crianças por meio de diversas atividades.

O MundErê apresenta projetos periódicos em que acontecem oficinas, roda de conversa, presença de uma criança com referencial positivo de empoderamento para troca de ideias, brincadeiras relacionadas à temática negra. “Muitos de nós desconhecemos as diversas brincadeiras que são originárias do nosso povo africano, apresentações artísticas e contação de história, que é muito importante na busca do resgate de nossos griôs”, afirma Grazi Rufo. O projeto vem trabalhando

Foto: Raça Mundi

a construção de sua biblioteca, onde há diversos livros relacionados à temática negra infantil, contando com diversas doações na busca de fortalecer mais e mais o cantinho do saber que é um lugar onde as crianças podem ter momentos prazerosos da leitura, entrando no mundo de descobertas da criança negra empoderada.

Com o grande sucesso desse projeto e presença marcante de mães, pais e responsáveis, o MundErê identificou demanda de espaço para estes a fim de também poderem se empoderar junto às suas crianças. Então nasceu a roda de conversa para pais, mães e responsáveis das crianças sob a coordenação do casal Patrícia e Pallmer e mediação da psicóloga Cláudia Graciano. A roda de conversa consiste em um momento com os adultos em que se tem a oportunidade de falarem, aprenderem, contribuírem e desabafarem sobre as questões étnicos/raciais. No período em que a roda acontece, as crianças participam de oficinas temáticas de artesanato sob a coordenação de Rhenata Santana que, ao final, promove um encontro entre mães, pais e crianças a fim de se empoderarem juntos(as), trocando olhares, abraços e experiências vividas no processo. O projeto MundErê tem se expandido cada vez mais e levado suas atividades para escolas, núcleos de convivência e fortalecimento de vínculo, e o que é melhor, para dentro das famílias, porque no discurso do dia a dia, nós, mães, pais, responsáveis pelas crianças, precisamos incorporar essas diferenças, essas temáticas, não como desvio, mas como algo enriquecedor de nossas práticas para o relacionamento com nossas crianças, fortalecendo, assim, desde cedo, o enfrentamento de práticas racistas e preconceituosas.

Precisamos nos livrar dessas correntes subjetivas recriando novos olhares, novos sentimentos, o prazer de se reconhecer como lindas e lindos, inteligentes, capazes para nos sentirmos representados em todos os âmbitos sociais com um novo olhar que não seja mais o olhar do “dominador”.

Foto: Raça Mundi

FAN: de patangome na cidade

Marcos Antonio Cardoso

Militante do Movimento Negro, filósofo e mestre em História Social pela UFMG.
Professor de cursos livres de Introdução à História da África

Patangome é um instrumento percussivo, um chocalho, tipo uma caixa fechada no formato de uma bateia, com contas soltas, que compõe a musicalidade dos ternos e guardas de moçambique congados dos Reinados do Rosário de MG. De "Patangome na Cidade" é um espetáculo de dança da Cia. SeráQuê?, criada pelo coreógrafo Rui Moreira e pelos músicos Gil Amâncio e Guda.

O FAN, Festival das Artes Negras de Belo Horizonte, constitui-se, antes de tudo, como um diálogo entre as muitas referências culturais dos povos que chegaram e forjaram a diáspora negro-africana no Brasil. Elas se combinaram de variadas formas a ponto de se irem moldando numa plasticidade original em que é possível perceber como a representação das culturas negras é alterada no decorrer do tempo. As culturas negras assentadas na matriz africana são dinâmicas.

A nossa ligação e solidariedade com a África, com os povos africanos, não está determinada pela lógica materialista das sociedades europeias ou por interesses objetivos de grupo ou de classe. Como **povo negro** na sociedade brasileira, **o cimento que solda nossa solidariedade** é outro, pois ela é sempre uma expressão de nossas identidades que vicejaram em uma cultura afro-global, o que significa dizer que as representações que construímos de nós mesmos foram mais fortes do que as condições de exploração e de pobreza a que fomos submetidos.

Para que a escravidão mercantil transcontinental desse certo, foi necessário produzir o escravo. Na indústria perversa de produção do escravizado, era essencial que as culturas e identidades de nativos da terra, povos indígenas, negro-africanos e outros "bárbaros" fossem erradicadas. Em relação à África, o poder colonial europeu deveria arrancar as pessoas de suas cidades, de suas florestas, de suas nações e aldeias e trazê-las a força, compulsoriamente, para o outro lado do Atlântico, e utilizá-las como peças de uma máquina infernal de produzir riquezas.

O que se viu foi a expulsão de milhões de pessoas dos seus países, clãs, grupos e famílias, a separação de seus grupos originários. Elas foram misturadas em uma multidão de estranhos, nos navios do tráfico transcontinental de seres humanos africanos e depois armazenados em senzalas, falando línguas diferentes para que não se comunicassem entre si e não engendrassem resistências e revoltas contra a escravidão.

Era preciso transformar cada um dos mais de 12 milhões de homens e mulheres africanas que chegaram às Américas em uma pessoa, estranha a tudo e a todos à sua volta, totalmente dependente do "seu senhor".

A violência mais profunda nessa metamorfose que quer o ser humano africano na condição de escravo é a destruição da sua identidade. A destruição do nome originário e exemplar, pois é através do nome que os africanos identificavam a sua família, a sua linhagem, o seu lugar de pessoa em sua sociedade tradicional africana. O que se queria eram seres estranhos e anônimos, máquinas produtivas semoventes, este era o objetivo da prática etnicida e genocida da escravidão. Diante deste processo, foi preciso resistir ou inventar a resistência.

> "Para continuar resistindo, os africanos submetidos ao cativeiro e seus descendentes tiveram que refazer tudo, refazer linguagens, refazer parentescos, refazer religiões, refazer encontros e celebrações, refazer solidariedades, refazer cultura. Esta foi a verdadeira Grande Refazenda." (Gilberto Gil, IIª Conferência de Intelectuais Africanos e da Diáspora, Salvador, 2006).

O primeiro passo nesse monumental processo de reinvenção da humanidade é a superação do estranhamento geral. Para deixar de sermos estranhos entre nós, negros, africanos, afro-caribenhos, povos indígenas, e outros grupos da nossa diversificada imigração contemporânea no Brasil, foi fundamental conhecer parte da nossa História e da nossa Cultura.

Nos idos dos anos de 1990, com a intensa militância no Movimento Negro, o pouco que conheceríamos sobre nós, os conteúdos sobre a História do povo negro no Brasil e a cultura afro-brasileira e africana, impactaram decisivamente a nossa visão de futuro e a nossa imaginação criativa. É neste contexto que o Festival Internacional da Arte Negra de Belo Horizonte, o FAN, será pensado e criado.

Nessa época, lembro que negros e negras não tinham quase nenhuma participação na cena cultural de Belo Horizonte, nem como artistas e pensadores, criadores ou expectadores. Aliás, só se percebia corpos negros durante a festa do carnaval ou em procissões religiosas. De mais a mais, os desfiles de carnaval foram expulsos do centro da cidade. A lógica racista segregou da festa central a massa negra autora ou coadjuvante dessas manifestações.

> "A história de uma cidade é a maneira como os habitantes ordenaram suas relações com a terra, o céu, a água e os outros homens. A história se dá num território, que é o espaço exclusivo e ordenado das trocas que a comunidade realiza na direção de uma identidade grupal. A idéia de território coloca de fato a questão da identidade, por referir-se à demarcação de um espaço na diferença com outros. Conhecer a exclusividade ou a pertinência das ações relativas a um determinado grupo implica, também, localizá-lo territorialmente" (SODRÉ, Muniz. O terreiro e a Cidade, 1988).

A primeira edição do FAN em 1995, por meio do Projeto Tricentenário de Zumbi dos Palmares, contribuiu efetivamente para levar ao conhecimento da população de Belo Horizonte a existência e a importância de nomes como Zumbi dos Palmares, na época em que esse "herói trágico" da história do povo negro no Brasil, entre vários outros, era ignorado pela "história oficial" apresentada nos livros escolares.

Gil Amâncio, um dos idealizadores do FAN, traz à memória uma fala de Luiz Alberto Gonçalves sobre o fato de que "Belo Horizonte foi a única cidade brasileira em que a arte negra participou politicamente das celebrações dos 300 anos da imortalidade de Zumbi dos Palmares, por meio do FAN em 1995."

O diálogo político e cultural que o Projeto Tricentenário de Zumbi dos Palmares estabeleceu no debate público com a cidade e a continuidade do FAN, oito anos depois, a partir de 2003, foi importantíssimo para que fôssemos superando o estranhamento geral entre nós, gerando aprendizagem e construção de novas subjetividades. Creio que a do FAN, as artistas negros começam a olhar para "uma outra cidade".

O FAN foi pioneiro em dar visibilidade à cultura negra na cidade e atualmente se depara com o desafio de se manter fiel aos princípios que lhe deram origem, mesmo sem os holofotes da mídia, do marketing e do turismo. A festa tornou-se instrumento de resistência e celebração de ícones culturais que nos veículos de comunicação e demais performances de representação continuam a ser negligenciados. Além de contribuir com o processo de reinventar a educação e comprometê-la com a difusão da cultura negra na cidade, o FAN produz uma linguagem inovadora cujo repertório simbólico dá o sentido de uma contemporânea estética negra.

Não cessa de pulsar a origem e a força dos ancestrais a jorrar sem parar, semeando no Brasil e na Diáspora, a força da nossa herança cultural, uma força sem freio que se identifica com a vida e a presença negra no mundo. Nesse sentido, legitimar as comunidades e os mestres que nos ensinaram e nos ensinam a fazer cultura negra é um presente que a inteligência e a arte negra legam à contemporaneidade. Sem a participação das guardiãs e dos guardiões dos saberes tradicionais será quase impossível afinar as nossas percepções, sensibilidades e restabelecer as fontes culturais da nossa ancestralidade.

À medida que impulsionemos o FAN cada vez mais, que o

intercâmbio cultural cresça internacionalmente, consolidaremos uma rede mundial de comunicação afro-diásporica, afro-centrada, capaz de intervir junto às instituições nacionais e internacionais como uma força ativa que possa dar à humanidade a razão que lhe falta para que possa ser verdadeiramente humanidade – o reconhecimento das diferenças que os fará, a todos e todas, sem distinção, iguais.

A 10ª edição do FAN, **Território Memória**, compreende a memória como um patrimônio em defesa da vida nos territórios ocupados e periferias reterritorializadas pela comunidade negra na cidade. Para os povos negros e os povos indígenas no Brasil, o direito a um passado próprio se confunde com o direito de existir hoje. Nesta perspectiva, o Festival de Arte Negra de Belo Horizonte é um patrimônio da cidade em que as manifestações e expressões culturais negras se territorializam como memória em defesa da vida: culturas negras que repõe de alguma maneira diante e dentro das pessoas a **"força de lembrar a própria força"**. Que nossos ancestrais nos protejam e inspirem nosso imaginário, nossos sonhos e nossas lutas pela plena reinvenção da nossa humanidade.

Foto: Pedro Vilela

Loja Colaborativa no Pelourinho reúne marcas afroempreendedoras

Sandrinha Flávia
jornalista, locutora, editora e mestra de cerimônias

Foto: Thiago Conceição

Empreender, dar visibilidadeaos profissionais negros e valorizar as marcas que criam seus produtos inspiradas na cultura negra são algumas das premissas da Loja Negros Solidários. Localizada em um dos roteiros turísticos mais procurados do Brasil, o Pelourinho, centro histórico da cidade de Salvador (BA), o espaço que funciona como uma loja colaborativa conta com trinta marcas afroempreendedoras.

O projeto surgiu em julho de 2018 quando foi realizada a Feira Negros Solidários. Após o evento, o Coletivo de Entidades Negras (CEN), entidade idealizadora do projeto, criou a loja em sua própria sede para que a feira não ficasse marcada apenas no tempo e depois sumisse. A loja Negros Solidários é a continuação da feira, só que agora em um ponto fixo.

No início eram 16 marcas, esse número foi crescendo e hoje já são trinta empreendimentos que dividem o espaço oferecendo moda masculina, feminina, cosméticos, acessórios religiosos, brochuras, papelaria, bolsas etc. Em média, setecentas pessoas visitam a loja em busca de produtos com identidade negra.

Yuri Silva, coordenador Geral do CEN, explica que a missão da loja é inverter o debate sobre o racismo. “Queremos discutir o acesso do povo negro ao dinheiro, em vez de focarmos nas nossas mazelas. Precisamos incentivar que povos negros acessem riquezas, sejam empresários, dominem mercados que historicamente são brancos,

eurocêntricos e racistas", diz.

Para conseguir um espaço na loja, o empreendedor/a precisa ser negro e produzir algo da cultura negra. O espaço funciona em sistema de plantões de turnos. Cada empreendedor/a fica dois turnos por mês no atendimento aos clientes. Eles também realizam o pagamento de uma taxa fixa por mês, como explica Yuri, "Atualmente o empreendedor paga uma taxa de manutenção de R$ 25,00 para o custeio de despesas. No começo, quando tínhamos um edital para realização da feira, a permanência era gratuita. Mas essa cobrança também acaba por trazer mais responsabilidades para os empreendedores, que ficam mais comprometidos".

A empreendedora e criadora da marca Asha Bio, Ashanti Elesbão, comercializa, na loja, cosméticos naturais e artesanais. Segundo ela, o fato de a proposta do espaço ser pensada e formatada para pequenos empreendimentos negros fez com que Ashanti aderisse ao projeto, "As vantagens são muitas como local fixo para comercialização, bem localizado, pois estamos no Pelourinho, custo baixo e rentável, oportunidade de aprendizado pela convivência entre nós, fortalecimento da nossa autoestima enquanto empreendedores e pessoas e o apoio de um Coletivo com anos de experiência".

A Loja Negros Solidários funciona de segunda a sábado, das 9h às 18h. E na alta estação, abre também aos domingos.

No espaço você encontrará as seguintes marcas: Alagbedé, Aondê Artes, Asha Bio, Bença Vó, Bixa Costura, Black Atitude, Black Pim, Candaces, Cantinho da África, Chica Ferreira, Concrochê, Fáfa – Fotografia e Resgate Ancestral, Goró Poético, Jack Diva Black, Me Deixe, Mia Fia Bolsas, Moça Preta, Ofánish, Omi O, Ouromim, Preta Brasil, Tecnorgânics, Tons da Terra, Vista Realeza, Bayo Moda Afro, Raízes de Fé, Inlé Orixá Artes em Jóias, Lulis Acessórios e Pele Preta.

O endereço é Rua das Laranjeiras, 25, Pelourinho, Salvador, Bahia
O Instagram é @lojanegrossolidarios.

Foto: Thiago Conceição

ÁFRICA

Uma Relato Sobre a África do Sul

Por Júnia Menezes

Professora, educadora e proprietária da escola de inglês Village School.
Formada no Curso de Letras pela FUNEDI/UEMG

Nesta edição, a Seção África traz um depoimento da professora e proprietária da Village School, escola que fica na cidade de Divinópolis–MG, Júnia Menezes. Ela esteve recentemente na África do Sul e a convidamos para relatar um pouquinho da sua experiência pessoal naquele país. Júnia é professora de inglês dedicada em transformar o espaço em que vive por meio da educação, "Em minha atuação como educadora, mostro aos meus alunos a importância de saber fatos históricos reais, apresentar personagens importantes da nossa história a fim de criar neles o desejo de lutar por um futuro melhor, tal qual nossos ancestrais o fizeram" disse.

Foto: Janaina Sousa

Nós, equipe da Village School, iniciamos nosso programa de intercâmbio neste ano de 2019 e o destino escolhido por mim não poderia ser outro que não no Continente Africano, mais precisamente África do Sul. Uma excelente oportunidade para mostrar para as pessoas que a África é riquíssima em sua fauna e flora, mas que no que diz respeito à cultura também tem muito a nos ensinar sobre nós mesmos, nossas origens e ancestralidade.

Vivi momentos de intensa emoção estando em contato com nativos. Fiz questão de conversar com moradores locais para saber como viviam e quais eram suas perspectivas de vida. Há muitas pessoas que vivem muito bem, financeiramente falando. Mas, infelizmente, o número de pessoas que vivem em situação de extrema pobreza também é grande. No entanto, são pessoas maravilhosas, cheias de vigor e alegria. Emocionou-me bastante ver como que com tantas privações, na maior parte do tempo, estão alegres e bem dispostas.

Visitei lugares fantásticos como o Museu da Escravidão (SlaveLodge) e pude sentir na pele e no coração, estando em uma réplica do navio negreiro, como nossos irmãos se sentiam, estando em um espaço em que caberiam no máximo 10 pessoas,mas em um número no mínimo 10 vezes maior de lotação, sem ventilação e onde não podiam sequer estarem de pé devido à altura do espaço. Foi angustiante demais.

Outro momento que me emocionou demais, foi num restaurante chamado Marco´s onde tive oportunidade de experimentar delícias da culinária africana e me divertir ao som dos tambores. Chorei muito por estar ali e sentir toda aquela energia maravilhosa.

Encerro minha sessão de belas recordações lembrando de minha visita a uma área bastante carente, do outro lado da grande Cidade do Cabo. Tive a oportunidade de conhecer crianças incrivelmente inteligentes e espertas, e ouvir de seus pais sobre as dificuldades financeiras pelas quais passam e que, ainda assim, não deixam de ser alegres e sorridentes. Tocou meu coração quando uma mãe me disse que, às vezes, algumas crianças param de brincar e levam a mão até à barriga, lembrando, assim, da fome que sentem.

Certamente temos situações semelhantes a essa aqui bem próximo de nós. Mostrar a realidade do lugar de nossa origem possibilita-me expressar como poderíamos viver uma vida diferente, não fosse todo o processo de escravidão a que fomos submetidos. A situação financeira e social na África é bastante precária, mas vale a pena olhar para o que temos de reflexos desse povo sofrido aqui mesmo, no Brasil. Vale refletir sobre o que é, como fazer para ajudar aqueles que estão mais próximos de nós. Mas sinto-me bastante tocada com o povo de lá, pois tudo poderia ser bem diferente.

Foto: Janaina Sousa

... o negro no teatro, o(s) teatro(s) negro(s), hoje!

Evandro Nunes

Ator. Diretor em Teatro. Contador de História. Performer. Co-fundador do Teatro Negro e Atitude. Pedagogo. Especialista em Pesquisa e Ensino no Campo da Educação, Arte e Cultura. Especialista em Promoção da Igualdade Étnico-Racial. Mestre em Educação.

Foto: Arquivo pessoal

Não há como falar de teatro hoje, sem falar de teatro negro ou teatros negros; sem falar da contribuição intelectual, científica, cultural, religiosa, filosófica, econômica, organizacional, estética, ética que o povo negro trouxe para a cultura brasileira; sem mencionar que o teatro nasceu no Egito, como nos disse Abdias do Nascimento; sem falar da chegada da família real no Brasil e, com isso, houve a quase extinção dos corpos pretos na cena; sem falar da Semana da Arte Moderna de 1922 que, mesmo à busca de uma cara mais brasileira para arte e cultura, deixou a população negra de fora de seus registros; sem falar da Cia. Negra de Revista, seu sucesso e o golpe do racismo que a destruiu; sem falar do Teatro Experimental do Negro (TEN); sem falar do Ilé Ayê e do Movimento Negro Unificado.

Em Belo Horizonte, não há como falar de teatros negros sem falar do Tricentenário de Zumbi dos Palmares; sem falar do Festival de Arte Negra/ FAN; sem falar do Centro de Referência da Cultura Negra; sem falar de Marlene Silva, Leda Maria Martins e todos/as os/as artistas e intelectuais negros/as que há anos resistem e possibilitam outras narrativas sobre arte e cultura; sem falar do Centro de Referência da Cultura Popular e Tradicional Lagoa do Nado; sem falar do Teatro Negro e Atitude, e de suas ações artística, política, de aquilombamento e negrura; sem falar dos Rolezinhos, da Segunda Preta, do Solo Negro, da Aquilombô, do Taculas, da Polifônica, do Leda Maria Martins. Não há como falar de tudo em tão pouco espaço, por isso darei alguns saltos na história.

O teatro nasceu na África. Também sempre pensei que tivesse sido pelas bandas da Europa: na Grécia, para Dioníso; ou em Roma, para Baco. Assim sempre me fizeram crer. Só sei que o teatro vem do rito que une dança, canto, pantomima, mito e rito, elementos estruturais para o seu desenvolvimento. Como no continente africano os ritos com esses elementos já aconteciam desde sempre, então de fato "o teatro dos povos de cor precedeu o nascimento do teatro grego", assim disse Abdias do Nascimento e completa: "Antes de Ésquilo – cerca de mil anos – escreveu-se, no Egito, um livreto sobre a morte de Hórus (...). A própria forma dramática dos ritos, tornando-os mais sugestivos, assim como a prática do culto de Dionísio, foi imitação do Egito negro".
E, no Brasil, o teatro veio com os africanos aqui chegados? Da forma com que conhecemos o fazer teatral, ele nos foi apresentado pelos padres jesuítas com o processo catequizador dos povos originários a partir do século XVI. No século seguinte, ao deixar a igreja, o teatro passa a ser considerado uma atividade de pouca valia, portanto feito apenas por homens negros e mestiços. Porém, a história contada, a dramaturgia em nada contribuíam para a construção positiva de uma identidade racial daquele sujeito e da sua contribuição para a construção dessa sociedade. Eram apenas corpos grosseiros, sem subjetividades, subservientes etc. Coma chegada da família real ao país, no início do século XIX, inicia-se uma reestruturação na cena, nos teatros e na paisagem local, e os corpos negros, que antes eram presentes nos palcos, mesmo que de forma estereotipadas, vão ficando invisíveis e indizíveis.

O Teatro Experimental do Negro foi muito mais que um coletivo de teatro, foi um espaço de formação artística, política e social, cujo desenvolvimento se deu em três níveis básicos: o teatral-artístico; o de organização-estudo; e o de iniciativa político-pragmática. E, para além dos espetáculos teatrais (O Filho Pródigo, Castigo de Oxalá, Sortilégio, Além do Rio, Imperador Jones etc), promoveu: Cursos de Introdução ao Teatro Negro e as Artes Negras, de Alfabetização de Adultos; convenções, semana de estudos, congressos, concurso de beleza; criou o Conselho Nacional das Mulheres Negras; tudo isso entre 1945 até o seu fim em meados de 1961.

O Teatro Experimental Negro fendeu a fala e a imagem estereotipada, colocando no centro da cena o negro com seu corpo e texto. E, em quase duas décadas de existência, ele deixa um legado e outros grupos surgem no cenário brasileiro.

Destaco alguns deles:

- Teatro Profissional do Negro TEPRON (RJ), 1970;
- Odum Orixas (MG), 1972;
- Nós do Morro (RJ), 1986;
- Circo Teatro Olho da Rua (MG), 1987;
- Bando de Teatro Olodum (BA), 1990;
- Teatro Negro e Atitude (MG), 1993;
- Cia. Étnica de Dança e Teatro (RJ), 1994;
- Teatro Nata (BA), 1998;
- Cabeça Feita (DF), 1999;
- Cia. dos Comuns (RJ), 2001;
- Caixa Preta (RGS), 2002;
- Morro em Cena (MG), 2004;
- Cia. dOs Inventivos (SP), 2004;
- Grupo Dos Dez (MG), 2008;
- Coletivo Negro (SP), 2008;
- Confraria do Impossível (RJ), 2009;
- Montigente (RGS), 2011;
- Cia. Espaço Preto (MG), 2014;
- Pretagô (RGS), 2014;
- Coletivo Bonobando (RJ),
- 2014; Cia. Negra de Teatro (MG), 2015;
- Cia. Emú (RJ), 2015;
- Coletivo Preto (RJ), 2016.

Se no antes podíamos falar de um teatro negro, hoje há uma pluralidade de grupos, coletivos, companhia com as mais diversas linguagens cênicas e artísticas, então opto por dizer que existem teatros negros que se unem por características que podem categorizar esse fazer teatral a partir das seguintes concepções: a performance negra – pode ser com fins teatrais ou não, falar ou não das questões que envolvem o negro; a presença negra – é exclusivamente artística, pode não utilizar do manancial da cultura tradicional e popular como fonte e material de inspiração; e, por fim, mas não menos importante, o teatro engajado negro – utiliza o palco como ferramenta para trazer as questões do povo negro à tona e também como contestação e afirmação de identidade negra. Copilo essas concepções da dissertação de mestrado de Soraya Martins.
É importante dizer que os teatros negros são construídos e/ou constituídos de forma pulsante e diária, portanto precisaria de muitas laudas e caracteres para analisar grupos, coletivos, companhias e seus respectivos trabalhos no intuito de categorizá-los a partir das concepções apresentada acima, e dizer de suas estéticas e poéticas. Sendo assim, me atenho a dizer do Teatro Negro e Atitude (TNA) que, em seus 25 anos de

atuação, se utilizou, de formas variadas, dessas concepções e forjou, na forja de Ogum, a Estética da Atitude e a Poética da Negrura, incitando a construção da Pedagogia da Insurgência que tem o teatro negro como processo de descontinentalização da compreensão dos fatos, ou seja, possibilita um redesenho dos corpos negros na cena artística e política, numa perspectiva de descolonização desses corpos, criando, assim, estratégia metodológica de emancipação baseada na arte/ginga e, com isso, produz uma mudança significativa na narrativa dominante que insiste em invisibilizar toda a contribuição da população negra para a sociedade brasileira e diaspórica.

A Estética da Atitude é a capacidade de transformar em materialidade todo o pensamento político e ético. Ela tem o corpo do ator como primeiro elemento. Corpo que se constrói a partir da memória individual e coletiva, da ancestralidade e religiosidade inerentes a esse sujeito. Elaborado, transforma tudo isso em algo visível e palpável.

A Poética da Negrura também vem sendo burilada há tempo. Se em Cantares do meu Povo apenas a palavra trazia a poesia para cena, n'A Sombra da Goiabeira, respectivamente primeiro e último trabalho do grupo, a poética é sentida por todos os sentidos: olfato, audição, paladar e toque. Essa poética traz identificações e conexões, possibilita outras formas de conhecimento, pertencimento e nova configuração de inscrição, transmissão e transcriação do saber, sendo esse identitário, político, estético-corpóreo.

A memória é o mote da construção de todos os trabalhos construindo uma narrativa e uma poética viva, única, híbrida, que lança mão dos valores civilizatórios afro-brasileiros para a construção das identidades em cada trabalho. Estamos falando da oralidade, musicalidade, corporeidade, ancestralidade, material simbólico que se constitui na própria memória. E esses corpos negros trazem uma tessitura negra para a cena, rompendo com o ideal de teatro cujo corpo negro não é visto e/ou não tem voz.

Concluo que mais que uma ação pedagógica, uma ação coletiva, uma ação educativa, uma ação poética, estética, política, ética, o Teatro Negro e Atitude mostrou-se na investigação como uma ação de aquilombamento, pois se ele não faz despertar nos atores a consciência da negrura, ele os acolhe por conjugar nesse espaço sujeitos e práticas imersos nela. E nos fez perceber, sobretudo, que o TNA, com sua poética da negrura e estética da atitude, é uma das formas de se pensar o negro no teatro e/ou o(s) teatro(s) negro(s) hoje no Brasil.

Então sigamos!

Foto: Arquivo pessoal

Chico Rei

Marcial Àvila
poesia e ilustração do poeta e artista plástico Marcial Ávila

Sua silhueta contra o sol vermelho alterava o relevo do Congo
Quanto mais descia o astro rei mais crescia sua majestade
Não bastava ser herói em terras de ancestrais
Era rei, mas seu destino era ser mais!
Foi subjugado pela ganância dos brancos
Em sua negrura carregou todos os reis do passado
Sua missão era além do mar azul
Tornou-se cativo sem perder a altivez
Sobreviveu à travessia, aos ferros e ao tempo.
Subiu rios e desceu montanhas
No breu das profundezas se misturou à escuridão
Encardiu-se nas lavras sem perder o brilho
Cantou no ventre da mãe e ela ouviu
Cravou as unhas no seu precioso amarelo
E sua silhueta cresceu sobre o dourado do ouro
Em tempos de trevas, foi luz para os seus iguais
Sendo farol se fez verde-esperança
Com sua nobreza cativou pretos e brancos
Alterou para sempre o relevo das Minas Gerais
E como Chico, ao contrario da Chica, libertou!
Devolveu as coroas aos novos reis do Congo
E o vermelho do sol do passado deixou de ser sangue
O preto da pele deixou de ser grilhão
O azul do mar deixou de ser calunga
O amarelo do metal deixou de ser quinto para ser primeiro
O verde-esperança se perpetuou nas montanhas gerais
Sua realeza permaneceu em cada negro da terra
Hoje sua história se reflete nos espelhos e nas fitas
Verdes, amarelas, vermelhas e azuis do congado.
Tornou-se lenda sem perder a tradição
Tornou-se ícone sem perder a humildade
Tornou-se Chico Rei
Para sempre, imortal!

Corpos periféricos em protagonismo

Adilson Marcelino

É negro, jornalista, pesquisador de cinema e criador do site Mulheres do Cinema Brasileiro

Foto: Divulgação - No Coração do Mundo

Se é cinema brasileiro, brasileiro somos todos. Por mais que, durante décadas, o mercado e o próprio Estado elegeram o eixo Rio-São Paulo como a geografia para distribuição de recursos e como vitrine, a produção se ramificou por várias regiões do país. E foi assim desde o começo. De Minas Gerais, as telas legaram cineastas do porte de Humberto Mauro, reconhecido por muitos como o Pai do cinema brasileiro, a Carlos Alberto Prates Correia, um dos mais vitais e modernos artistas da nossa cinematografia.

O chamado cinema mineiro continuou fazendo bonito: Maurício Gomes Leite, Geraldo Veloso, Paulo Augusto Gomes, Helvécio Ratton, Rafael Conde, Tânia Anaya, Marília Rocha, Affonso Uchoa e Ana Carolina Soares são apenas algumas dessas belas páginas. E o cinema mineiro revelou para o Brasil, e já para o mundo, a Filmes de Plástico.

Criada em Contagem, em 2009, e formada pelos cineastas André Novais Oliveira, Gabriel Martins e Maurílio Martins, e pelo produtor Thiago Macêdo Correia, a Filmes de Plástico não só, no conjunto de seus filmes, colocou os corpos periféricos e, sobretudo, negros no mapa do cinema mineiro, como fez, a partir dessa escolha estética e, portanto, ética, todo um redimensionamento de protagonismo.

No coração do mundo, último filme da produtora lançado, mira sua lente para Contagem, onde tudo começou, e toda uma galeria de personagens nos é apresentada. Mais que suas histórias, que se entrelaçam, contaminam-se e se conversam, o que se vê, de ponta a ponta, é, mais que tudo, a restituição de uma aposta no humanismo. Não há objetificação, há sujeitos. Há humanidade em cada corpo, cada personagem, cada plano, cada frame. Tão escassa nas telas, e, sobretudo, fora delas.

Elisa de Sena – Cura

Roger Deff

Mc Belo-horizontino, jornalista, integrante da banda Julgamento. Atualmente apresenta e produz o programa Rimas e Recortes veiculado pela Rádio Inconfidência

A cantautora Elisa de Sena representa o atual momento da música em Belo Horizonte. Já se percebe uma cena com ótimos trabalhos que, nos últimos anos, tem sido protagonizada principalmente por mulheres, a exemplo de nomes como Tamara Franklin, Zaika dos Santos, Bia Nogueira, Júlia Branco, Manu Dias, Déh Mussolini, Maíra Baldaia e Nathy Rodrigues.

As duas últimas foram parceiras de Elisa de Sena no projeto Negras Autoras, coletivo que reúne mulheres negras da música na capital mineira, do qual fez parte também a percussionista Manu Ranilla, que acompanha a artista em seu primeiro vôo solo. Em 2019, Elisa estreou com seu trabalho o álbum "Cura" com produção da DJ Black Josie e apoio do selo Natura Musical.

O disco conecta a tradição afro-mineira dos tambores com a idéia "futurista" dos timbres eletrônicos e dos samplers. Não por acaso, a música que abre os trabalhos conta com a participação do mestre Maurício Tizumba.

Ao longo das 11 faixas do disco que marca o início dessa nova caminhada, a artista desenvolve uma assinatura própria, sem negar as referências, mas se permitindo experimentar direções nada óbvias.

As canções propõem uma leveza necessária em dias tão densos e tensos, mantendo-se na contra-mão uma ideia de desconstrução da cultura que segue vigente no atual momento.

"Cura" é o que o nome título propõe, a anti-tese do ódio, um descanso sonoro em meio ao caos. Sem restrições, Elisa se coloca em contato com a música preta universal, sem se preocupar muito com qualquer rótulo que queiram lhe dar. E segue leve, aguerrida, como mulher negra que é, mas sem perder a alegria ancestral.

"A grana é curta, sistema é bruto, bruta batalha, mas sigo flor." (trecho da música "Ficar só")

Foto: Paulo Oliveira

Costura da memória

Naiara Rodrigues
Jornalista e assessora de imprensa

Um dos grandes nomes das artes visuais no Brasil, Rosana Paulino, se destaca por sua produção que traz a abordagem de questões sociais, étnicas e de gênero. Nascida em São Paulo, em 1967, a brasileira já participou de exposições em países como França, África do Sul, Bélgica, Porto Rico, Estados Unidos e Portugal. Desde 2018, a exposição "Rosana Paulino: A Costura da Memória" apresentou a maior individual da artista já realizada no Brasil.

Após uma temporada de sucesso na Pinacoteca (SP), com curadoria de Valéria Piccoli e Pedro Nery, a mostra passou também, em 2019, pelo Museu de Arte do Rio (RJ), reunindo 140 obras produzidas ao longo dos seus 25 anos de carreira. Nela é possível ver obras impactantes e poéticas como Bastidores (1997), que faz uma crítica ao silenciamento e à violência histórica sofrida por mulheres negras. A obra traz imagens de mulheres de sua família estampadas em bastidores, com costuras tapando suas bocas, gargantas e olhos.

Rosana Paulino é doutora em Artes Visuais pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – Eca/USP, especialista em Gravura pelo London Print Studio, de Londres, e Bacharel em Gravura pela Eca/USP. Foi bolsista do programa da Fundação Ford (de 2006 a 2008), Capes (de 2008 a 2011), e fez residência no Bellagio Center, da Fundação Rockefeller, na Itália.

A denúncia ao apagamento histórico sofrido pelo povo negro e o questionamento da visão colonialista presente ainda hoje na sociedade brasileira são temas presentes em seu trabalho. Rosana Paulino utiliza diversos suportes e técnicas como instalações, gravuras, desenhos, esculturas, entre outras, sempre trazendo uma crítica à falsa ideia de igualdade racial no país e escancarando as marcas deixadas pela escravidão. Atualmente obras da artista podem ser vistas em duas mostras coletivas em São Paulo, na Palavras Somam, no MAB FAAP, até 15 de dezembro, e na 21ª Bienal de Arte Contemporânea Sesc VideoBrasil, no Sesc 24 de Maio, até 2 de fevereiro.

Foto: Daniel Pacífico

Notícias

Equipe Casarão das Artes

Amigos abrem Afropub em BH

Foto: Warley Barros

Jose Lucas Ramalho, Warley Barros, Fernando Calleb e Douglas Barbosa
tinham o sonho de criar um espaço em Belo Horizonte onde a beleza, a luta e a cultura negra fossem exaltadas. Foi assim que nasceu o Black To Black – Afropub, em outubro de 2019. Rapidamente, o espaço se tornou o ponto de encontro de pessoas que logo sentiram afinidade pela história, missão e identidade do espaço. O cardápio inclui
chopes artesanais de cervejarias renomadas da cidade, burguers artesanais com opções vegetarianas, veganas e petiscos. A parte musical é composta pelo melhor da música negra.
O Afropub funciona de terça à quinta, de 17h à 00h00, nas sextas de 17h à 1h e aos domingos de 14h à 1h.

Instagram @b2b.afropubbh

Patrimônio Cultural

Festa de Iemanjá e Festa dos Pretos Velhos

A Festa de Iemanjá e a Festa dos Pretos Velhos se tornam patrimônio imaterial de Belo Horizonte (MG). O reconhecimento atende a uma solicitação de representantes das comunidades tradicionais de matrizes africanas e afro-brasileiras encaminhado ao Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural do Município, em 2017. Com o reconhecimento oficial como patrimônio cultural da cidade, as celebrações passam a integrar a lista de bens culturais que contam com a colaboração do poder público para sua salvaguarda e continuidade histórica. O culto aos Pretos Velhos e Pretas Velhas, ancestrais guias da Umbanda, acontecem desde 1982, nos meses de maio, em meio aos prédios residências do bairro Silveira, na praça Treze de Maio. A festa reúne centenas de afro-religiosos que vão louvar seus ancestrais e pessoas que buscam atendimento nas dezenas de terreiros, das várias partes da cidade e região metropolitana que fazem parte do festejo. Já a Festa de Iemanjá, realizada anualmente desde 1953, possui relevância histórica para os adeptos das celebrações do Sagrado afro-brasileiro na capital mineira e acontece próximo à Praça Dalva Simão, na Lagoa da Pampulha, ressignificando o projeto original do Conjunto Moderno da Pampulha. De grande importância para os adeptos do Candomblé e da Umbanda, ela revela o sagrado no espaço urbano.

Foto: Ricardo Laf

Foto: Luiz Oliveira

O Sofá Azul

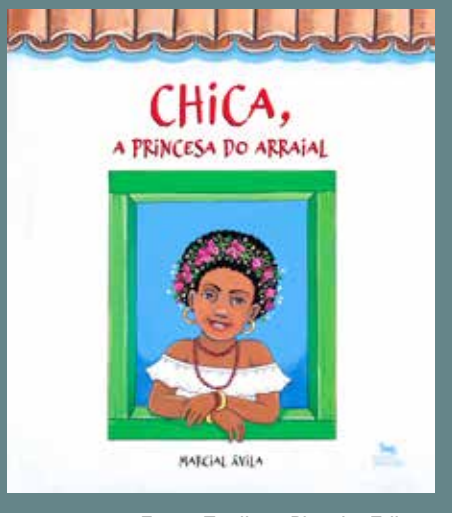
O pedagogo, ator e arte educador Evandro Nunes lançou, em outubro, a série Sofá Azul. Experiente na arte de atuar, o artista agora encara com maestria o desafio das câmeras. O cenário é na casa das Borboletas, nome que ele mesmo deu para a sua própria residência. Nas redes sociais, Evandro faz uma pergunta convidativa e ao mesmo tempo reflexiva aos seus seguidores/as, "E você, sobre o que quer conversar?". A comunidade logo aderiu ao chamado e várias pessoas já gravaram suas participações no Sofá Azul.

A filmagem fica por conta de Luiz Oliveira. A trilha de abertura é a Musica "Tempo Breve" de Nath Rodrigues, do seu disco FRACTAL.

Acesse: Série Sofá Azul com Evandro Nunes.

Chica, a princesa do Arraial

A infância de Chica, no Arraial do Tejuco, é narrada em palavras e imagens pelo artista plástico Marcial Ávila. O livro "Chica, a princesa do arraial", é como uma máquina do tempo: ao ler o texto, somos transportados a um passado remoto, a uma cidade mineradora do século XVIII, como o arraial em que viveu a "menina Chica". Mas somos, também, lançados em uma memória atemporal: essa é a história da infância de muitas crianças em cidades do interior, como a do próprio autor, que cresceu em Diamantina. Além disso, projetamos na "menina Chica" um ideal de infância para os dias atuais, pois acompanhamos uma criança livre de preocupações, envolvida por seus sonhos e desejos, satisfeita consigo mesma, que aproveita todos os momentos de sua vida.



Fonte: Tradição Planalto Editora

Foto: Bruno Figueiredo

Corte Real Momesca de Belo Horizonte

Belo Horizonte já conhece a sua Corte Real Momesca do Carnaval 2020. O trio formado pelo rei Wallace Filipe Guedes, rainha Laís Lima e princesa Josi Semeão tem agenda intensa de compromissos durante o período carnavalesco da cidade. Wallace Filipe Guedes é estudante de Educação Física, bailarino e modelo fotográfico. Laís Lima é enfermeira, modelo e passista das escolas de samba Cidade Jardim, Acadêmicos de Venda Nova, Imperavi de Ouro e Estrela do Vale. Já a princesa Josi Semeão é formada em administração e também desfila na Acadêmicos de Venda Nova. Os candidatos foram julgados por uma comissão e entre os quesitos avaliados estavam comunicação, simpatia e espírito carnavalesco, samba no pé, desembaraço, sociabilidade, facilidade de expressão e elegância.Os selecionados são considerados embaixadores da folia na capital mineira.

Exposição Maracatu Chico Rei

O Centro de Referência da Cultura Popular e Tradicional Lagoa do Nado recebe a partir de 15 de dezembro a Exposição "Maracatu Chico Rei: elo entre o erudito e o popular por meio da música". A exposição se propõe a apresentar os limites artificiais dos conceitos clássicos de "popular" e "erudito", por meio do bailado Maracatu Chico Rei. Mostrando que o tradicional lugar da cultura erudita, ela reconhece e apresenta toda a riqueza e beleza da cultura popular, fundamental para a identidade do país. O Maracatu Chico Rei é um poema sinfônico e bailado para orquestra e coro, que tem como tema a lenda de um antigo rei africano que foi trazido para o Brasil. Essa importante obra marcou a história da música e da dança do Brasil.

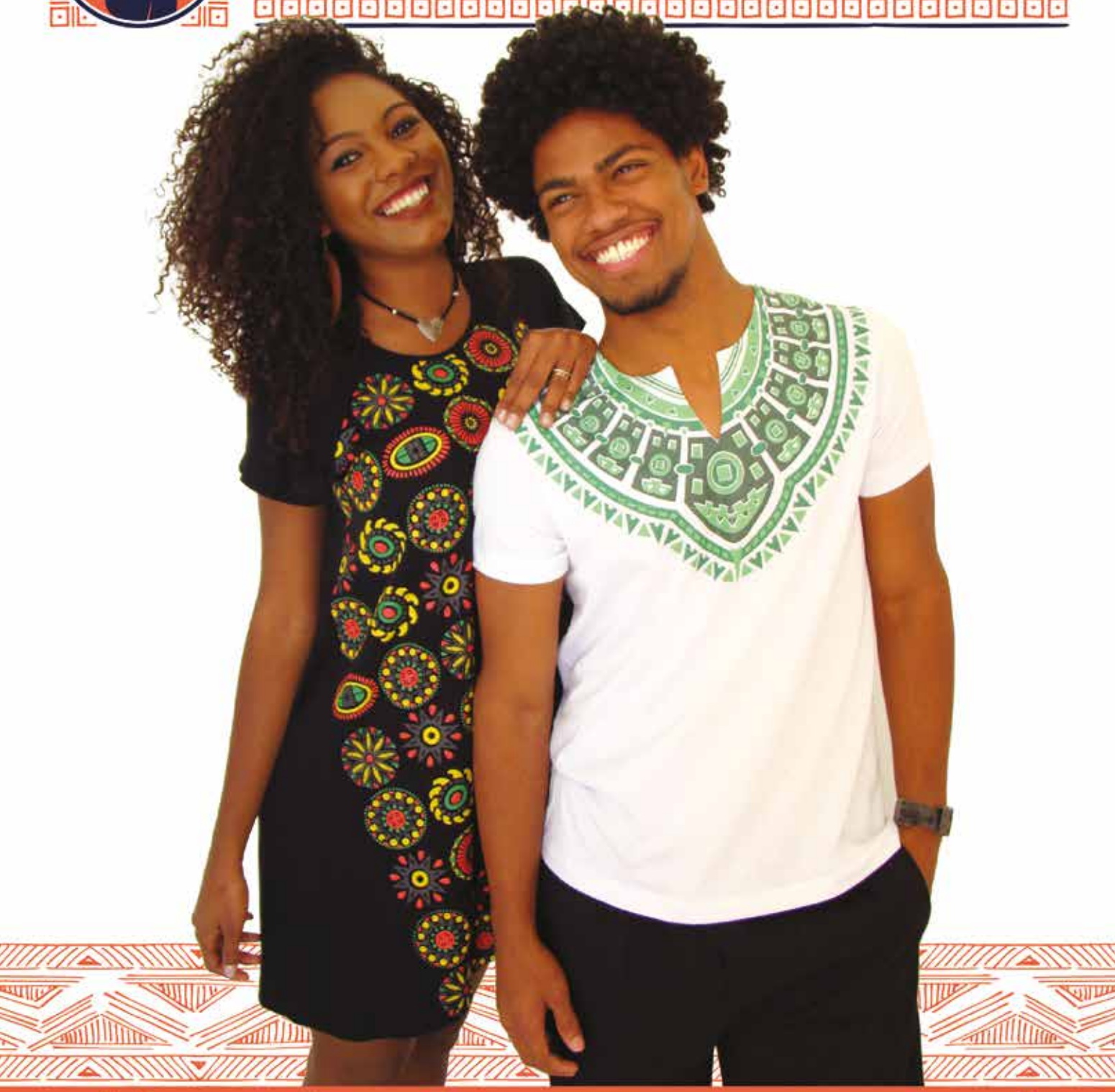
Africanidade é questão de estilo!

Acessórios hand-made estilo afro-brasileiro é com a Nega Badu!

Nêga Badu

Contato: (31) 3347-3763 | 99339-2795
www.facebook.com/NÊGA-BADU-503633653106251

CHICA DA SILVA



Alegria de quem veste!

chicadasilva.com.br